

RESENHA PARA A 2ª S. EPISTÊMICA DA CLIPP – PSICOSE - 23/10/2010

Luciana Carvalho Rabelo

Esta conferência *Há algo de novo nas psicoses* foi apresentada por Eric Laurent na V Jornada da EBP Minas Gerais (setembro/1999), publicada em 2000 pela Revista Curinga, momento no qual eles estavam tentando repensar como fica a clínica do inconsciente frente as mudanças das regras e as novas ficções do real, esboçando a noção de “clínica universal do delírio” proposta por J.A.Miller.

Na conferência Laurent aponta para a situação de que quando se precisa de algo novo é porque não acreditamos mais nas nossas crenças, “...Eis-nos todos infelizes. Eis um dos efeitos da forclusão generalizada. Não se acredita mais em nada, e além do mais, temos razão de não acreditar mais em nada.” E por isso se questiona se há algo de novo nas psicoses.

Este título me interessou por dois motivos - primeiro porque me remeteu a pelo menos dois sentidos: se há algo diferente e/ou se há algo que insiste e reaparece nas psicoses e segundo porque tenho dificuldades para entender a aplicabilidade da “clínica universal do delírio”.

Laurent comenta sobre as crenças clínicas, que mesmo dentro da psicanálise há vários estatutos para o inconsciente, retomando que historicamente Freud “simplificou a classificação de Kraepelin, propondo três neuroses (neurose obsessiva, histeria e fobia)” e nas psicoses dividindo entre dois grupos: paranóia-esquizofrenia e mania-melancolia e retirou do catálogo de Kraft-Ebing aproximadamente cinco perversões com uma certa consistência, exemplificando através de casos clínicos.

Depois de longas discussões com Bleuler Freud não concorda em classificar a psicose pelo corte, pela esquizo e propõe situá-la pelo delírio, entendendo-o como “tomar as palavras pelas coisas”.

O caso que desorganizou a clínica psicanalítica foi o Homem dos Lobos, com sua variedade diagnóstica, aumento de tempo de tratamento, como se algo sempre continuasse insistindo “um quadro de neurose obsessiva infantil, dois episódios delirantes adultos e tem toda uma vida estranha, cujo diagnóstico não é claro”. A partir disso Freud não usa mais casos e faz uma série de precauções no *Esboço de Psicanálise*: “aconselha a não se ocupar demais das psicoses, a tomar cuidado com as personalidades narcísicas, a prestar muita atenção nas neuroses atuais e, para os psicanalistas, refazer um período de análise a cada cinco anos”.

A partir dos anos 50 os psicanalistas já não têm em seus consultórios os mesmos sintomas freudianos e Lacan aponta duas dimensões: o que ele tem de literal, seu “envelope formal” e o quanto que ele é um endereçamento ao Outro. As perturbações narcísicas mexem nas

classificações de todos os psicanalistas pós-freudianos, enquanto por um lado a clínica neurose-psicose aponta a crença neurótica de “acreditar no pai”, aparecem uma série de casos nos quais a identificação não passa pelo Nome-do-pai, e Lacan “mostrou uma clínica que funciona dispensando os Nomes-do-pai com a condição de fazer uso deles.” Ao mesmo tempo na Psiquiatria o surgimento de diversas medicações que significavam “verdadeiros tratamentos” para o mal estar e esta terapêutica têm seus dias contados com “a clínica do sujeito narcísico entregue ao seu gozo”, com síndromes vagas, tocando nos pontos da identidade narcísica e para incluí-los foram criadas classificações bem generalistas nos manuais e com isso perdendo o caráter histórico de cada patologia, fazendo uma crítica ao “boderline americano”.

A psicanálise deve acompanhar as modificações da psiquiatria, mas não deve usar as crenças dela. Os elementos que a psicanálise têm para pensar sua clínica deve usar os registros real, simbólico e imaginário e o que funciona para cada discurso, “ela não deve confundir mas deve saber que os efeitos da descrença no Outro, os efeitos de remanejamento das classificações a todo vapor – inclusive pelo uso de psicotrópicos – fazem parte do estado atual de nossa civilização”, construir algo, “de dar Nomes que funcionam, que possibilitam um *savoir faire*.”

Apesar da conferência ser sobre algo de novo nas psicoses, penso que é um tema que abrange os três tipos de estruturas, que hoje em dia aparecem com uma fenomenologia nova e com muita precariedade no que diz respeito a relação que os sujeitos têm com o Outro, com o narcisismo e com o gozo.